

[Entrevistador] [fala simultânea] Eu sou o Gabriel Raziel, estudante da Escola Paulo Freire e integrante do Projeto Patrimônio para Todos. E a gente vai entrevistar você, perguntando algumas coisas e falando também sobre a serenata do Dia das Mães. Você poderia se apresentar, falar o seu nome?

[Mario Leo] Sim, me chamo Mário Léo, Mário Leonardo de Queiroz, sou professor e trabalho na rede privada já mais de 40 anos e estou no exercício de cidadão do Grande Henrique Jorge.

[Entrevistador] Ok, então você podia me responder, se puder perguntar como começou a Serenata das Mães?

[Mario Leo] Sim, sim. Um episódio bem distinto. Nós éramos universitários, nós cinco, seis, na verdade. E fomos, depois da aula da Unifor, fomos bater o racha e nos empolgamos. Isso véspera do Dia das Mães. Então, quando foi 17 horas, gente, amanhã é o Dia das Mães, vamos nos limpar hoje, porque amanhã é festa. Deu 18, 19, 20 horas, 21 horas e esquecemos o tempo. O que a gente fazia para nossas mães na véspera? Nada deu certo. Chegamos em casa duas da manhã. O que vamos fazer? Com certeza vamos ser surrados. Então nós tivemos a ideia de conseguir um violão, meu primo Anselmo tocava violão, e de ir para a casa de um, depois de outro, de outro. Fazer o quê? A gente vai entrar sorrateiramente, lá perto do quarto da mamãe, e cantar algumas músicas alusivas ao Dia das Mães. Se der certo, tudo bem. Se não der certo, todo mundo vaza, né? Todo mundo corre. Mas deu certo. A gente entrou no quarto da mãe e a gente cantou três músicas alusivas ao Dia das Mães. Talvez pouca gente conheça, mas é bem simples. Tipo aquela. Minha mãezinha querida, mãezinha do coração. Uma mãe já levantou chorando. Meus filhos, meus amores. Então, daí a gente disse, rapaz, se deu certo, vai dar certo daqui pra frente. Então, toda véspera do Dia das Mães, a gente saia, saia ainda, na casa de filhos, né? Só que o filho vai cedo, prepara lá a casa, já compra o presente da mamãe, e a gente entra no portão lá dentro, já cantando as músicas, essas músicas da década de 60, 70, que até hoje, quando a mamãe escuta... A lágrima desce porque lembra da mãe, lembra da avó. E assim a gente instituiu a Serenata das Mães. De 78 para cá, vamos lá, para mais de 40 anos. E automaticamente a gente está tentando manter essa tradição com os nossos filhos, com os nossos netos. Se bem que está difícil, porque para manter essa tradição, eles que não conhecem o básico dessa serenata, eles estão sendo bem... Bem resistente, mas está conseguindo. Até agora, enquanto está a fazer, a gente faz o quê? A gente faz em 30 casas, 40 casas. Já chegamos a fazer em 70

casas, numa noite. Começamos meia-noite e terminamos seis da manhã. Não sei como a gente conseguiu, mas... E quando a gente chega na casa, já está preparado os quitutes, um refrigerante e algo mais, que a gente vai lá e faz a festa com as mães. E o filho já entrega o presente. Essa é a história da serenata das mães.

[Entrevistador] E na sua visão, o que essa celebração representa para a comunidade?

[Mario Leo] Para a comunidade ficou sendo como parte do calendário. Ou seja, quando chega ali por abril, muitos filhos, muitas mães já perguntam, e esse ano tem serenata? Uma delas eu lembro que ela disse, olha, eu já comprei um camisola novo, já estou preparada, já mandei descontar. Está tudo pronto para serenata. É um evento marcante, certo? Não está instituído assim de forma acadêmica, de forma, de maneira formal. Mas no coração, na mente, nos nossos corações, já está marcado todo ano a nossa Serenata das Mães.

[Entrevistador] E o que você mais gosta nessa celebração?

[Mario Leo] A emoção das mães. Vocês têm uma ideia? A mamãe tem 99 anos, lúcida, e ela espera o Dia das Mães. Então, para a gente, é algo assim, é o único mês do ano que tem uma essência de carinho, de afeto, de amor, de qualidade assim, 100%.

[Entrevistador] Como, na sua visão, como é que ela ajuda a unir as pessoas?

[Mario Leo] Pronto. Nós somos tudo garotos, uma faixa de tala de 60, 70, 56, só pivete. Então essa turma quando se junta, a gente conversa sobre tudo, política, sociedade, economia, tudo. E quando pega o espaço ali, como é que vai ser a cena das mães? Então agrega, faz história. A gente vai ter que contar para os mais novos como começou. Toda vida eles perguntam, e aí tio, como começou? E como é que vai continuar? Vocês seguram a peteca até quando a gente parar e vai ficar, vai se eternizar. Se Deus quiser, vai se eternizar com esse ponto de carinho, de afeto. Mãe, a gente não paga o que ela fez para a gente nunca. Então é mais um mercado de gratidão, afeto. Para mim é algo assim impagável. Eu já rodei... por fora do país e eu conto a história, a estrutura das mães e ele diz, e aí toda fortaleza que tem? Eu digo, não senhor, só no grande Henrique Jorge. E é patrocinado por uma instituição que a gente criou que é chamada HJ Corporation.

[Entrevistador] Agora falando um pouco mais de você como guardião de memória, você se considera um guardião de memória da comunidade?

[Mario Leo] Aziel, é muita responsabilidade para um HD só. O que é que eu faço? Aproveito para conversar, trocar ideias com os mais novos, com os da mesma idade que não conhecem, que chegaram no Henrique Jorge já depois. Então eu procuro passar para eles que o Henrique Jorge é algo a mais que é um bairro, a mais que é um subúrbio comum, mas uma grande família. Aqui nós temos uma hipótese, nós temos 50 famílias. E essas 50 famílias se entrelaçaram, se entrelaçaram de certa forma, que construíram laços além consanguinidade. Mas sim, laços afetivos, laços históricos. E assim, um que é casado com a prima do amigo do outro, um que é casado com a irmã do tio, aí pronto, fica aquela árvore genealógica. Lógico que cresceu para o lado. E isso é muito bom no plano afetivo.

[Entrevistador] E qual a sua maior lembrança que você carrega desse território?

[Mario Leo] desse território, é essa praça aqui da Matriz. Eu estava fazendo com um amigo meu, o Felipe, dizendo que aqui, a gente pequeno, tinha uma área que a gente partia o racha. Pra quem não sabe, o racha é jogar bola com os colegas. E essa área aqui era muito, assim, meio que cheio de lama, assim, meio com barro. E a gente caía muito, muito, muito, né? Mas o racha, toda tarde, quando chovia, a gente fazia surf na lama. Ou seja, a gente ia jogar, escorregava, saía deslizando. E o outro era quando tinha o parque. Parque São Luís, os barquinhos... tinha um tal de espalha-brasa, e a gente toda noite estava aqui, juntava o dinheiro do lanche e automaticamente vinha para rodar no Parque São Luís, no barquinho, na roda gigante, no espalha-brasa. Então isso marca muito a nossa história.

[Entrevistador] Na sua visão, qual a importância dessas memórias para a comunidade?

[Mario Leo] Ela torna-se o cerne da história viva, ou seja, a todo instante a gente está vivendo o que aconteceu ontem. E eu também sou historiador, por formação acadêmica, e a gente vive tentando ter um entendimento melhor, mais prático, do que aconteceu antes de ontem. Por exemplo, o Henrique Jorge é do século passado. Começa lá pela década de 20, aí se estende à década de 60. Eu sou da década de 50. E lá para cá eu venho fazendo história, história acadêmica, história

familiar, história efetiva, história do nosso próprio povo aqui. E sempre eu entendo que manter essa cultura, essa historicidade, é algo que faz a nossa gente ficar mais agregado, sentir-se mais amado, mais feliz e mais fraterno.

[Entrevistador] E como que as memórias ajudam a manter a identidade do bairro na sua zona?

[Mario Leo] A RG, a cultura, a nação, esse afeto, esse agregamento, essa forma de amar, de abraçar, de viver, faz a gente sentir-se mais gente. Nesse ano passado eu fui conhecer uma parte da Europa e a gente não sente um abraço, não sente um calor, não sente um sorriso um com o outro. E aqui no Grande Henrique Jorge, que eu chamo, todo mundo sorriu um para o outro, se abraça, todo mundo sabe quem é quem, todo mundo é fraterno, todo mundo é solidário. Se tem alguém chorando, a gente chora junto. Se é para sorrir, a gente sorri junto. Se é para correr, a gente corre junto. Então aqui tudo é assim, coletivizado. E isso faz com que a gente cresça junto, guarde a memória e faça um futuro de boa qualidade para o nosso povo.

[Entrevistador] E o que você diria para homenagear o seu território?

[Mario Leo] No meu território, eu diria que povo de fora, viva como a gente vive. Fraternidade, solidariedade. Abrace mesmo sem saber quem você pensa que seja ou que seja. Abrace antes e pergunte depois. É esse conselho que eu dou. Seja fraterno, seja amigo, seja solidário. E abrace causas sociais. Isso faz a gente crescer.

[Entrevistador] Muito obrigado pela sua entrevista.

[Mario Leo] Eu aqui agradeço a oportunidade de levar para além da fronteira do Henrique Jorge essa ideia de agregar o nosso povo com o povo de todo o mundo.